

Percursos de Mudança na Qualidade Conjugal – Fragmentos de um Estudo sobre Conjugalidades Satisfeitas

Isabel Narciso¹
Maria Emília Costa²

Esta investigação insere-se no contexto da Psicologia da Família, e tem como finalidade última o estudo da conjugalidade, particularmente, da satisfação e qualidade conjugal. Distinguimos dois objectivos gerais: (1) compreender a natureza complexa e não linear da satisfação conjugal, e (2) conceber e utilizar um sistema de análise da satisfação e qualidade conjugal congruente com a natureza complexa da satisfação e qualidade conjugal. Foi realizada uma extensa revisão da literatura sobre o tema, e um estudo empírico baseado numa metodologia qualitativa – *grounded theory* com estudo comparativo de casos –, utilizando-se uma amostra de trinta e um casais satisfeitos (sessenta e dois participantes), organizados segundo três tempos diferentes de casamento (menos de sete anos; entre sete e treze anos; e mais de treze anos de casamento). Os métodos de recolha de dados consistiram numa entrevista semi-estruturada e em três escalas de auto-avaliação, uma relativa a padrões de vinculação amorosa, e duas sobre satisfação conjugal. Tentou-se criar um sistema de análise de dados que respeitasse a natureza complexa da satisfação e da qualidade conjugal.

No fragmento do estudo que aqui apresentamos constata-se: (1) que os processos comportamentais, cognitivos e afectivos estão fortemente entretecidos, sendo que a intimidade e o compromisso pessoal parecem situar-se num nível de abstracção superior; (2) que o nosso sistema de análise, em particular os estudos das percepções globais sobre o parceiro e sobre a relação, tornou possível discriminar dois grupos entre a amostra de trinta e um casais satisfeitos: um grupo que designámos por *grupo sem risco* – com níveis elevados de qualidade conjugal positiva e de satisfação conjugal –, e um segundo grupo que denominámos por *grupo de risco* – caracterizado por uma mudança negativa na qualidade e satisfação conjugal; (3) um padrão de qualidade conjugal nos casais satisfeitos caracterizado por uma qualidade positiva dos processos comportamentais, cognitivos e afectivos; (4) que as percepções globais sobre a relação e sobre o parceiro parecem ser um forte índice de satisfação conjugal.

Enquadramento teórico

A satisfação conjugal tem sido, nas últimas décadas, uma área de grande investigação no âmbito da Psicologia da Família (Markman, 1992; Glenn, 2001), dada a sua centralidade para a compreensão quer das relações conjugais, quer das relações familiares (Glenn, 2001) e dos factores que a afectam quer de um modo positivo, quer de um modo negativo. Numa época em que as taxas de divórcio atingem valores crescentes e, de um modo geral, próximos dos 50%, sem que tal signifique uma

preferência por uma vida celibatária como o demonstram os valores também elevados de recasamentos (Costa, 1994) – cerca de 75% – estudos sobre conjugalidade parecem fundamentais para entender como, e utilizando uma metáfora de Philippe Caillé, “*uma corrente extremamente forte à superfície das águas*” modificou “*completamente, no espaço de duas gerações, as condições de navegação*” (Caillé, 1991, p.134). É importante que tais estudos, como aliás refere Markman, incluam temáticas centrais para a compreensão da conjugalidade, como o são a satisfação conjugal, o amor e o envolvimento na relação (Markman, 1992).

Conjugalidade é, pois, a área sobre a qual incide o foco do estudo que realizámos, recorrendo-se, assim, um contorno no contorno mais lato que é a família. Contorno movediço e vivo, porque quando se fala de conjugalidade é de vida que se fala, e não de coisa ou objecto. E, como dizia Bateson, a propósito de *Alice*

¹ Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

² Professora Associada com Agregação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Porto. Presidente do Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.

no País das Maravilhas, "teve tudo de ser «vivo» para se fazer uma confusão completa" (Bateson, 1989, p. 52). É essa "confusão completa" que se pretende, aqui, interrogar. Mas, para se pensar as confusões, no dizer de Bateson, é necessário manter o "nosso pensamento numa espécie qualquer de ordem (...)" (idem, 1989, p. 31). Essa ordem corresponde, nesta investigação, à escolha de um ponto nodal da conjugalidade: a satisfação conjugal.

Na literatura sobre conjugalidade facilmente se constata um intrincado emaranhamento conceptual decorrente de fronteiras pouco nítidas entre alguns conceitos. Tal emaranhamento – que é facilmente explicado pela proximidade de significações entre os conceitos, e pelas marcadas interrelações que os caracterizam – é particularmente relevante entre qualidade e satisfação conjugal.

Numa tentativa de conferir maior nitidez aos contornos dos conceitos, e partindo de uma extensa revisão da literatura, sugerimos que:

(1) a *Qualidade Conjugal* diz respeito ao *desempenho na e da relação*, isto é, aos processos conjugais vividos, os quais podem ser:

a) Operativos ou Comportamentais, ou seja, o *modus operandi* na e da relação, o que corresponde ao funcionamento³ conjugal. Nestes processos incluímos a Comunicação, os Conflitos e a Resolução de Conflitos, e o Controlo Relacional.

b) Afectivos, ou seja, o amor enquanto configuração de sentimentos, e os processos relacionais afectivos que o catalisam e que por ele são catalisados: a Intimidade e o Compromisso.

3 Preferimos o termo *funcionamento* a *funcionalidade*, uma vez que este último remete para uma valoração positiva do funcionamento, sendo, por isso, um elemento da classe.

4 Muito embora as áreas possam estar mais associadas ao funcionamento ou à afectividade da relação, não devem ser confundidas com os processos, uma vez que aquelas constituem campos da relação onde ocorrem os processos.

5 Foi utilizado o termo *Centrípeto* tomando como ponto de referência o *holon* conjugal, uma vez que se trata de processos que se geram e são gerados directamente na e pela relação.

c) Cognitivos, ou seja, as cognições individuais – Pressupostos e Padrões, Percepções, Atribuições, Expectativas – que influenciam a relação, e são por ela influenciadas.

(2) a *Qualidade Conjugal* pode ser avaliada por um observador externo, através de critérios definidos *a priori*, a partir de estudos empíricos realizados onde se relacionam tais processos com satisfação e/ou com sucesso conjugal. Esta avaliação exige que:

. a qualidade conjugal seja observada não apenas como um todo, mas em vários domínios da vida conjugal – gestão doméstica, gestão financeira, tempos livres, privacidade/autonomia, filhos, relações extra-familiares (famílias de origem, trabalho, rede social), sentimentos e expressão de sentimentos, intimidade emocional, sexualidade, e continuidade da relação –, uma vez que os processos relacionais referidos podem variar consoante as áreas onde são observados⁴;

. se considerem as influências de factores contextuais, pessoais e demográficos na qualidade conjugal;

. se considere a influência do tempo ou percurso de vida conjugal na qualidade conjugal.

(3) a *Satisfação Conjugal* é uma avaliação subjectiva dos processos operativos, afectivos e cognitivos, os quais designámos por Factores Relacionais Centrípetos⁵. Consideramos que tal avaliação ocorre relativamente a cada um dos processos relacionais referidos, o que se traduz no que denominamos *satisfação conjugal específica*, e relativamente à relação como um todo, o que designamos por *satisfação conjugal global*. Aliás, se atendermos a que o termo *satisfação* tem origem em *facere satis* que significa *fazer o suficiente*, mais facilmente poderemos compreender o forte componente avaliativo, subjectivo e pessoal subjacente a este conceito. Assim, não é possível utilizarmos-se critérios *a priori* para avaliar a satisfação conjugal, sendo a sua única medida a avaliação referida pelo casal ou por cada um dos cônjuges.

Num sistema, se é verdade que as partes têm uma identidade comum ao sistema, não é menos verdade que têm também uma identi-

dade própria, singular, não redutível ao todo. Assim, um sistema vivo caracteriza-se por um elevado grau de complexidade onde: o todo é mais do que a soma das partes, uma vez que são as partes e as suas inter-relações que lhe conferem significado; o todo é menos do que a soma das partes, dado que na relação com o todo, se perdem ou inibem algumas das qualidades das partes; o todo é mais do que o todo, pois que, na relação entre todo e partes, aquele vai sendo recriado (Morin, 1994).

Esta complexidade dinâmica e criativa – onde o devir é mais importante do que o ser, e, portanto, os processos mais importantes do que os estados – remete para a noção de um desenvolvimento circular evolutivo, onde o tempo é um conceito fundamental. São, pois, sistemas dissipativos não lineares onde "nada

está verdadeiramente num estado de equilíbrio"⁶ (Conveney, & Highfield, 1990, p. 155), sendo que "não linearidade significa que a maneira como se joga altera as regras do jogo" (Gleick, 1980, p. 50).

Assim sendo, a compreensão da satisfação conjugal só é possível:

- se atendermos ao casal como um todo, bem como a cada um dos parceiros enquanto singularidade;

- se, ao invés de uma visão fragmentada, considerarmos cada um dos processos relacionais inerentes à conjugalidade – afectivos, operativos e cognitivos, ou seja, os Factores Relacionais Centrípetos –, assim como as suas inter-influências, e o modo como afectam a satisfação. Saliente-se, ainda, a importância de se considerar a influência de outros factores na satisfação: o Factor Tempo ou Percurso de Vida Conjugal,

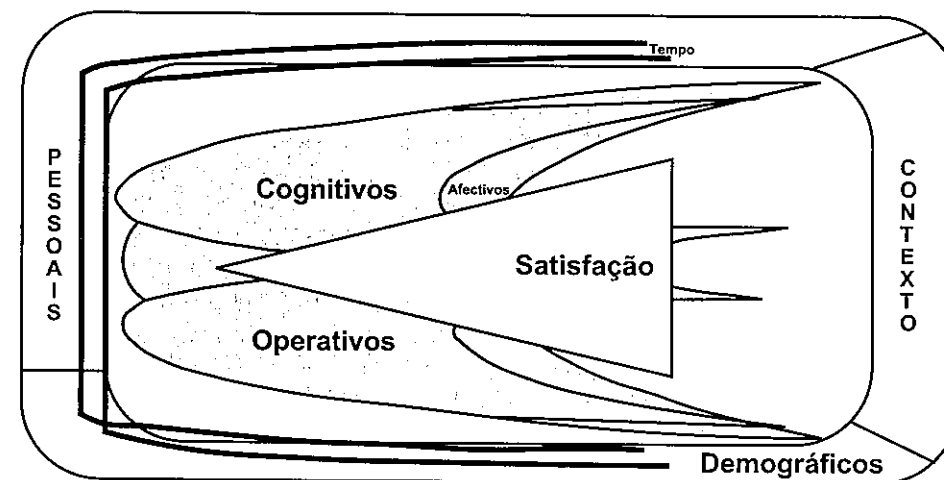


Figura 1 – Factores intervenientes na satisfação e qualidade conjugal

e os que designamos por Factores Centrípetos – contextuais, pessoais e demográficos;

6 Os sistemas em equilíbrio – cujo exemplo típico é o de um pêndulo – não importam energia adicional do meio, e, assim, vão perdendo a energia desencadeada por um estímulo inicial até estagnarem. Pelo contrário, os sistemas dissipativos, não lineares, ao importarem energia física e social do meio, e ao exportarem a energia usada, mantêm a capacidade para continuar em acção por períodos prolongados de tempo (Stengers, & Prigogine, 1990; Prigogine, 1999).

- se tomarmos a satisfação não como um estado imutável, mas como um processo não linear, marcado por um desenvolvimento circular evolutivo, estando subjacente uma concepção dialéctica onde satisfação e insatisfação surgem mais como um jogo dinâmico de oposições do que como uma dualidade, tal como defendem alguns autores.

A concepção de satisfação que defendemos é consonante com o modelo de Qualidade Conjugal proposto por Fincham, Beach e Kemp-Fincham (1997). Estes autores partem da ideia

central de que o comportamento conjugal não é sempre guiado por uma vivência linear do casamento. A vivência conjugal é recheada de alterações entre momentos de afectividade positiva e outros momentos de afectividade negativa. Esta tese vai de encontro à perspectiva dialéctica da satisfação em relações íntimas de Erbert e Duck (1997), de acordo com a qual a experiência social está organizada em torno de tensões ou forças contraditórias inerentes às relações. As relações não são estáticas, unitárias e imutáveis, pelo contrário, fazem-se de experiências várias, diferentes estados de humor, prazeres e dores. Assim, num quadro dialéctico não é possível analisar a satisfação relacional sem considerar a insatisfação. A investigação tem conceptualizado a satisfação e a insatisfação mais como uma dualidade do que como um jogo dinâmico de oposições. Na opinião de Erbert e Duck (1997), é necessário considerar a satisfação numa perspectiva dialéctica, como parte de um processo mais vasto em que satisfação e insatisfação coexistem, evitando-se a crença num tipo ideal relacional. *"Quando os casais referem 5 ou 6 numa escala de Likert de 7 pontos, não poderá tal significar que existe simultaneamente alguma insatisfação na avaliação global?"* (Erbert & Duck, 1997, p. 199).

A ênfase num ideal relacional subjacente à concepção dualista de satisfação, comporta vários limites. *"A incapacidade para atingir estados permanentes de satisfação e para excluir episódios negativos pode criar dissonância na relação e/ou nos indivíduos, levando à negação de oposições importantes"* (idem, 1997, p. 200). Se apenas a interacção positiva for considerada num quadro ideal da interacção conjugal, os cônjuges tenderão a eliminar ou evitar situações de interacção negativa. Contudo, se em situações de elevada insatisfação, é necessária a redução de episódios interactivos negativos, em casais que não estão em situação de insatisfação conjugal, padrões de acomodação ou de evitamento podem ter um efeito mais prejudicial do que benéfico. Numa perspectiva dialéctica, o jogo entre forças que criam um sentido de coesão e de unidade e forças que separam e dividem, é fundamental para que os cônjuges procurem modos alternativos para lidar com a mudança,

com tensões e contradições, ou seja, é fundamental para o crescimento.

Fincham, Beach, e Kemp-Fincham (1997) referem que, na avaliação da qualidade conjugal, os instrumentos de medida deveriam permitir o acesso à compreensão desta dinâmica de satisfação e insatisfação. A avaliação dualista da conjugalidade – tal como acontece, de um modo geral, nos instrumentos de avaliação com pontos extremos de positividade (feliz) e de negatividade (infeliz) – não permite que as dimensões positivas e negativas sejam expressas independentemente. Watson, Clark e Tellegen (1988; in Fincham, Beach, & Kemp-Fincham, 1997) propuseram também uma abordagem bi-dimensional no estudo do afecto, tendo concluído que, apesar de se assumir frequentemente correlações fortemente negativas entre afecto positivo e negativo, são dimensões distintas que podem ser representadas como dimensões ortogonais em estudos de análise factorial do afecto. Também Beach e Fincham (1994; in Fincham, Beach, & Kemp-Fincham, 1997) realizaram uma análise do casamento baseada numa estrutura bi-dimensional do afecto. Todos estes estudos parecem apontar para o facto da satisfação e insatisfação nas relações interpessoais não serem pólos opostos da mesma dimensão, mas sim duas dimensões distintas ainda que relacionadas.

De acordo com estes autores, só é possível aceder à complexidade da conjugalidade eliminando inteiramente a perspectiva dualista, e concebendo formas de avaliação que incluam Qualidade Conjugal Positiva (QCP) e Qualidade Conjugal Negativa (QCN). No modelo proposto pelos autores, estas duas dimensões são cruzadas de modo a produzir 4 tipos de casais – satisfeitos, insatisfeitos, ambivalentes e indiferentes.

Os casais elevados em Qualidade Conjugal Positiva (QCP) e baixos em Qualidade Conjugal Negativa (QCN) correspondem aos habitualmente identificados como "satisfeitos" ou "felizes", enquanto os casais baixos em QCP e elevados em QCN correspondem aos comumente designados por "insatisfeitos" ou "infelizes". Este modelo bi-dimensional permite diferenciar duas outras categorias, o que não acontece com a maior parte de outras medidas

de qualidade conjugal: os ambivalentes – elevados em QCP e elevados em QCN –, e os indiferenciados – baixos em QCP e baixos em QCN. Este modelo sugere uma nova abordagem da mudança na qualidade conjugal. Enquanto as medidas dualistas unidimensionais apenas permitem o acesso a um índice global de mudança, este modelo defende que a mudança na qualidade conjugal pode ser um processo gradual por diferentes etapas. Tal como referem os autores, a procura de *"diferentes avenidas de mudança na qualidade conjugal, a análise dos seus determinantes, e a exploração das suas consequências"* (Fincham, Beach, & Kemp-Fincham, 1997, p. 289) abrirá um vasto campo de investigação que poderá constituir um enorme avanço na compreensão dos percursos "felizes" e "infelizes" da conjugalidade.

Esta visão dialéctica está também presente no modelo de Sucesso Conjugal proposto por Gottman e Silver (1999), o qual reflecte igualmente a concepção sistémica de satisfação que propomos, onde factores múltiplos se cruzam, gerando diferentes níveis de satisfação específica, os quais, a partir de um limiar negativo se traduzem numa insatisfação global que impede o bem estar, e, consequentemente, aumenta a insatisfação, gerando-se um ciclo de auto-perpetuação da insatisfação.

Processo metodológico

Num sentido de maior congruência com um quadro teórico que defende uma perspectiva de complexidade sistémica da qualidade e satisfação conjugal, pareceu-nos fundamental que o nosso estudo empírico se alicerçasse numa metodologia qualitativa de investigação – entendendo por metodologia a reflexão que orienta o percurso de uma investigação, a sua concepção, a escolha dos métodos e a sua pragmática.

A investigação qualitativa enfatiza processos e significados que não são primordialmente avaliados ou medidos em termos de quantidade, intensidade ou frequência. Permite *"compreender o significado das vidas dos participantes através dos próprios termos dos participantes"* (Janesick, 1994 in Denzin, &

Lincoln, 1994, p. 210). Tem como fonte directa dos dados o contexto natural dos participantes e o investigador é o instrumento chave na recolha e/ou na análise dos dados; os dados recolhidos apresentam-se mais na forma de palavras ou imagens do que de números, e destinam-se a uma análise mais centrada nos processos do que nos resultados ou produtos; a análise dos dados tende a ser indutiva, não procurando tanto confirmar ou desconfirmar hipóteses prévias ao estudo. Pelo contrário, frequentemente, a teoria emerge a partir da relação entre a recolha e a análise dos dados; os significados, ou seja, as perspectivas dos participantes, são a preocupação principal da abordagem qualitativa (Bogdan, & Biklen, 1992).

A investigação qualitativa permite a utilização de métodos qualitativos e métodos quantitativos, uma vez que estes podem servir para delinear padrões gerais, enquanto os primeiros revelam processos e perspectivas (Bryman, & Burgess, 1994). Contudo, no nosso estudo, os métodos qualitativos tiveram um carácter central, dada a sua aplicabilidade aos estudos sobre a família numa perspectiva sistémica. A abordagem qualitativa parece ser mais congruente com a perspectiva sistémica, já que ambas enfatizam o contexto, a multiplicidade de perspectivas, a complexidade, as diferenças individuais, a causalidade circular, a visão holística, e a visão processual dos fenómenos (Moon, Dillon, & Sprenkle, 1990). Foi utilizada a *Grounding Theory*, que não é senão uma metodologia para o desenvolvimento de teorias que se baseia numa recolha e análise sistemática dos dados. É esta ênfase no desenvolvimento da teoria – característica central da *Grounded Theory* – que a diferencia de outras metodologias qualitativas. A teoria emerge no decurso da investigação através de uma interacção contínua entre análise e recolha de dados, e implica uma análise comparativa contínua, caracterizando-se pela elaboração sistemática de questões sobre relações entre conceitos, pela geratividade de conceitos, por amostras seleccionadas em função da teoria (*theoretical sampling*), procedimentos sistemáticos de codificação, densidade conceptual (riqueza do desenvolvimento de conceitos e de relações entre estes), variação considerável de

significados e integração conceptual (Strauss, & Corbin, 1994; Richards, & Richards, 1994; in Denzin, & Lincoln, 1994). A teoria pode ser gerada pelos dados desde o início, ou, se existirem já teorias adequadas à área de investigação, podem ser reelaboradas ou modificadas através da análise de dados (Strauss, & Corbin, 1994 in Denzin, & Lincoln, 1994). Esta metodologia adequa-se sobretudo a investigações onde predominam questões que se centram nos processos, ou seja, questões sobre *o quê, como, por quem, quando, onde* e que *consequências* (Strauss, & Corbin, 1994; Morse, 1994; in Denzin, & Lincoln, 1994), sendo um modo de pensar sobre os dados e de os conceptualizar, num contexto interactivo de recolha de dados e de análise de dados, onde o investigador é também um agente interactivo crucial e significativo (Strauss, & Corbin, 1994; Richards, & Richards, 1994; in Denzin, & Lincoln, 1994; Bryman, & Burgess, 1994).

Assim, a nossa investigação implicou um estudo comparativo de 31 casais satisfeitos (sessenta e dois participantes), organizados segundo três tempos diferentes de casamento (menos de sete anos; entre sete e treze anos; e mais de treze anos). Os métodos de recolha de dados consistiram numa entrevista semi-estruturada e em três escalas de auto-avaliação, uma relativa a padrões de vinculação amorosa⁷, e duas sobre satisfação conjugal⁸.

Tendo sempre como fio condutor a congruência com uma perspectiva de complexidade sistémica da qualidade e satisfação conjugal, optámos por uma recolha de dados em duas fontes - marido e esposa -, e decidimos procurar informações relativas a todos os actores influentes na satisfação conjugal, em particular os mais directamente centrados na relação - Factores Centrípetos.

No sistema de análise que concebemos e utilizámos, considerámos, então, os dados oriundos de cada um dos cônjuges (partes), sem

deixar, em simultâneo, de tomar o casal como um todo.

Também em relação aos focos da análise - Factores Centrípetos -, procurámos ter subjacente a noção de que é impossível compreender as partes sem conhecer o todo, bem como entender o todo sem conhecer as partes (Morin, 1994).

Assim, tomámos os processos relativos aos factores centrípetos como *holons*, e, tendo como suporte a revisão de literatura realizada, e as próprias entrevistas, classificámos os dados em categorias mínimas, ou seja, as unidades mais concretas, as quais denominámos *variáveis ou categorias de primeira ordem* (Comunicação Verbal (quantidade e percepção), Conflitos (frequência, intensidade, percepção), Resolução de Conflitos (reações, eficácia), Controlo Relacional (processo de tomada de decisões, percepção sobre a tomada de decisões, distribuição de tarefas domésticas, percepção sobre a distribuição de tarefas), Sentimentos (designação, intensidade, evolução, factores de atracção, queixas, percepção), Expressão de Sentimentos (modos de expressão, queixas, percepção), Necessidade de Apoio, Apoio Real Prestado, Percepção da Qualidade da Empatia/Apoio, Necessidade de Privacidade, Privacidade Real Percebida, Percepção sobre Respeito/Privacidade, Dependência, Percepção dos tempos Livres, Sexualidade (percepção sobre qualidade, percepção sobre a frequência, evolução, iniciativa), Identidade de casal, Similitude, Ajustamento, Consideração de Alternativas, Ideias de Ruptura, Expectativas de Eficácia). Da interacção entre estas - cada uma delas considerada elemento concreto de um dos três processos - afectivos, comportamentais ou operativos, e cognitivos - surgiram, então, as designadas *variáveis ou categorias de segunda ordem* (Qualidade da Comunicação, Equidade). A interacção entre estas e as de primeira ordem conduziu-nos às *variáveis ou categorias de terceira ordem* (Auto-Revelação/Partilha, Apoio Emocional), e assim sucessivamente, *Quarta Ordem* (Confiança, Mutualidade) e *variável ou categoria de quinta ordem* (Interdependência). Esta teia, entretecida por inter-relações entre as diversas variáveis, fez emergir duas *variáveis ou categorias nodais de primeira e segunda ordem* - Intimidade e Compromisso pessoal -

, sendo que este último corresponde ao nível de maior abstracção.

Verificámos, então, que esta teia categorial interactiva nos levava, por um lado, a um maior rigor conceptual, conferindo maior nitidez aos contornos e às fronteiras entre conceitos, e, por outro lado, à hipótese emergente de que os processos afectivos são nodais para a compreensão da conjugalidade, ainda que a compreensão daqueles exija a permanente consideração dos processos comportamentais ou operativos e dos processos cognitivos.

Pensamos, pois, que o sistema de análise que utilizámos, permitiu, de algum modo, revelar a complexidade sistémica inerente à conjugalidade, traduzindo uma circularidade interactiva entre todo e partes.

A revisão da literatura levou-nos a um "encontro" com uma perspectiva dialéctica e não dualista de satisfação conjugal (Fincham, Beach, & Kemp-Fincham, 1997; Gottman, &

Silver, 1999), o que nos incentivou a enveredar por uma linha de investigação que espelhasse tal perspectiva. Assim, procurámos analisar as Percepções Globais - elemento dos Processos Cognitivos -, não de uma forma dualista e bipolar, mas, sim, considerando como independentes Percepções Positivas e Percepções Negativas. De tal sistema de análise - e a partir da quantificação percentual das percepções positivas e das percepções negativas⁹ - foi possível distinguir, relativamente às percepções sobre a relação, casais sintónicos e casais mistos, e diferenciar, a um nível global, quatro padrões de percepção - percepção positiva elevada e percepção negativa baixa; percepção positiva baixa e percepção negativa elevada; percepção positiva elevada e percepção negativa elevada; e percepção positiva baixa e percepção negativa baixa -, correspondendo, hipoteticamente, a diferentes níveis de satisfação global.

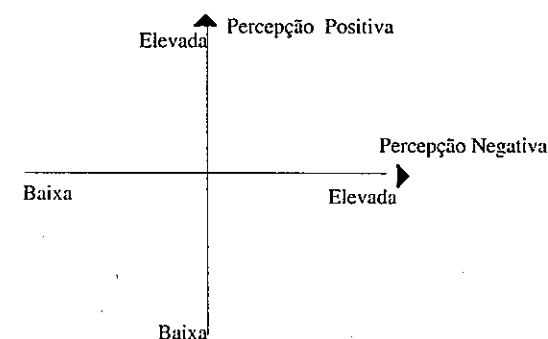


Figura 2. Quatro padrões de percepção

Contudo, e se pretendermos uma análise mais fina e discriminante, poderemos subdividir as Percepções Positivas e as Percepções Negativas em Máxima, Elevada, Baixa, e Mínima, obtendo, assim, pelo seu cruzamento, 16 possíveis padrões de Percepção.

Neste sistema de análise, é, pois, possível, diferenciar três categorias de padrões de Percepção sobre a Relação:

- maior proporção de percepções positivas;
- proporção semelhante de percepções positivas e negativas;
- maior proporção de percepções negativas.

Consideremos o impacto das percepções positivas na satisfação - e relembremos a tese de Fowers, Lyons, e Montel (1996) sobre a

7 Questionário de Vinculação Amorosa (Matos, Barbosa, & Costa, 2001).

8 Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal- EASAVIC (Narciso, & Costa, 1996); Escala de Índice Único de Avaliação da Satisfação Conjugal (Matos, 1998).

9 Esta quantificação percentual foi obtida através do programa informático de análise qualitativa de dados Nud'Ist.

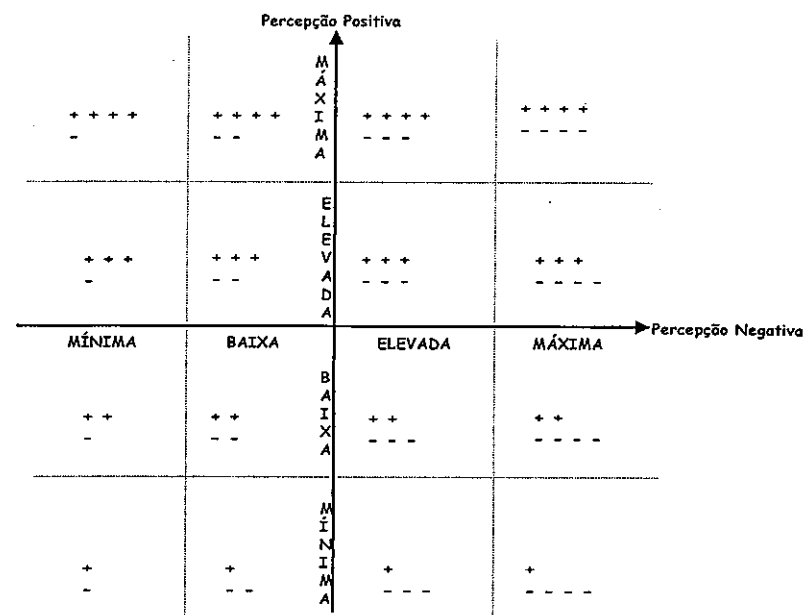


Figura 3. Diferenciação de dezasseis padrões de percepção organizados em três categorias de padrões de percepção

existência de um padrão de auto-perpetuação ou de manutenção da satisfação conjugal onde as percepções positivas têm um papel central -, e o impacto das percepções negativas na insatisfação - e, relembramos a tese de Gottman sobre o ciclo de auto-perpetuação da insatisfação, de acordo com a qual, à medida que a percepção do casamento se vai tornando mais negativa, diminui a probabilidade do casal optar por comportamentos positivos que quebrem este ciclo e que "reparem" a situação conjugal, iniciando-se a cascata para a ruptura.

Assim, e em conformidade com as teorias referidas, poderemos hipotetizar que:

- Quanto maior a proporção de percepções positivas, maior a satisfação conjugal.
- Quanto maior a proporção de percepções negativas, menor a satisfação conjugal.

10 Saliente-se que, na totalidade da amostra, a frequência de percepções positivas sobre o parceiro é significativamente superior nas mulheres ($p < .01$), o que, de certa forma, é consonante com os resultados encontrados por Acitelli (1999), de acordo com os quais, as mulheres pensam positivamente sobre a relação mais frequentemente do que os homens.

- Uma proporção semelhante de percepções positivas e negativas indicia a aproximação a um limiar de satisfação - os "limites da imperfeição" -, tanto mais próximo, quanto mais diminuírem as percepções positivas e negativas.

- Uma maior proporção de percepções negativas indicia uma situação de cascata para a ruptura que se vai acentuando à medida que desce a positividade (diminuição de percepções positivas) e aumenta a negatividade (aumento de percepções negativas).

- Os casais sintónicos num padrão de maior proporção de percepções negativas chegarão mais rapidamente a uma situação de ruptura do que os casais mistos.

Discussão de resultados

A maioria dos casais da nossa amostra revelou um padrão de maior proporção de percepções positivas sobre a relação, sendo que 21 casais apresentam percepção positiva elevada ou máxima e percepção negativa mínima; 3 casais são mistos, com um dos cônjuges revelando percepção positiva

elevada e percepção negativa mínima, e o outro cônjuge apresentando percepção positiva baixa e percepção negativa mínima.

Saliente-se que, em todos estes casais, inclusive nos mistos, as percepções negativas sobre o cônjuge não ultrapassam os 6%¹⁰. Tal valor reduzido sugere que, nestes casos, em situações positivas, é activado um processo cognitivo de organização compartimentalizada positiva (Showers, & Kevlyn, 1999), desencadeando-se atitudes e sentimentos positivos face ao parceiro, e, em situações onde se destacam características ou comportamentos negativos do parceiro, é activado um processo cognitivo de organização integrada (Showers, & Kevlyn, 1999), tornando acessíveis também as características positivas daquele, minimizando o impacto das negativas, o que favorece atitudes e sentimentos mais positivos.

Nestes casos, são também notórios os processos de superioridade ilusória e as distorções idealistas, o que, de acordo com vários autores (Buunk, & van Eijnden, 1997; Fowers, 1998; Fowers *et al.*, 1994; Fowers, Lyons, & Montel, 1996; Heaton, & Albrecht, 1991; Simpson, Gangestad, & Lerma, 1990), está bastante associado à satisfação conjugal, sendo mesmo considerado central na sua manutenção.

Dos restantes 7 casais, apenas um revela maior proporção de percepções negativas (percepção positiva mínima e percepção negativa baixa). Neste padrão de maior proporção de negatividade, encontram-se, ainda, dois participantes desemparelhados deste grupo de sete casais. O cônjuge de um deles revela um padrão com maior proporção de percepções positivas (percepção positiva elevada e percepção negativa mínima). O cônjuge do outro participante com maior proporção de negatividade revela um padrão também de maior proporção de percepções positivas, embora de positividade menos elevada (percepção positiva baixa e percepção negativa mínima).

Num padrão de igual proporção de percepções positivas e negativas (percepção positiva baixa e percepção negativa baixa) encontram-se dois participantes deste gru-

po de sete casais considerados de risco. Os cônjuges destes participantes revelam um padrão de maior proporção de percepções positivas, embora de positividade baixa (percepção positiva baixa e percepção negativa mínima). Neste padrão, encontram-se, ainda, um casal e um participante desemparelhado, cujo cônjuge se encontra num padrão de maior proporção de percepções positivas, embora mais elevadas (percepção positiva elevada e percepção negativa mínima).

Note-se que, em todos estes casais, excepto num, pelo menos um dos cônjuges - 4 homens e 1 mulher -, e 1 casal revelam uma percepção negativa sobre o parceiro bastante mais elevada do que todos os outros casais, percepção negativa essa que é superior à percepção positiva.

Tal negatividade na percepção sobre o parceiro sugere que, em situações negativas, pode estar a ser activado um processo cognitivo de organização compartimentalizada, favorecendo a generalização dos comportamentos negativos, e aumentando a tendência para explicar o comportamento negativo do parceiro em termos de causas internas, estáveis e globais.

Relembramos que, de acordo com Harvey (1987) e Gottman (1998), os homens tendem a envolver-se numa espécie de "complacência emocional" perante acontecimentos positivos, enquanto as mulheres se envolvem mais em actividade atribucional independentemente do nível da satisfação conjugal. Por este motivo, os homens são considerados "barómetros atribucionais" da satisfação conjugal. Assim, e uma vez que as percepções negativas dos homens sobre o parceiro são, em 4 destes casais, marcadamente superiores às das mulheres, podemos aventar a hipótese que tais percepções negativas estão associadas a um processo atribucional negativo por parte dos homens, sendo, nesse caso, sinal da sua menor satisfação conjugal.

A superioridade ilusória e as distorções idealistas são mínimas ou nulas, nestes casais, particularmente, nos participantes cujas percepções da relação e do parceiro são predominantemente negativas.

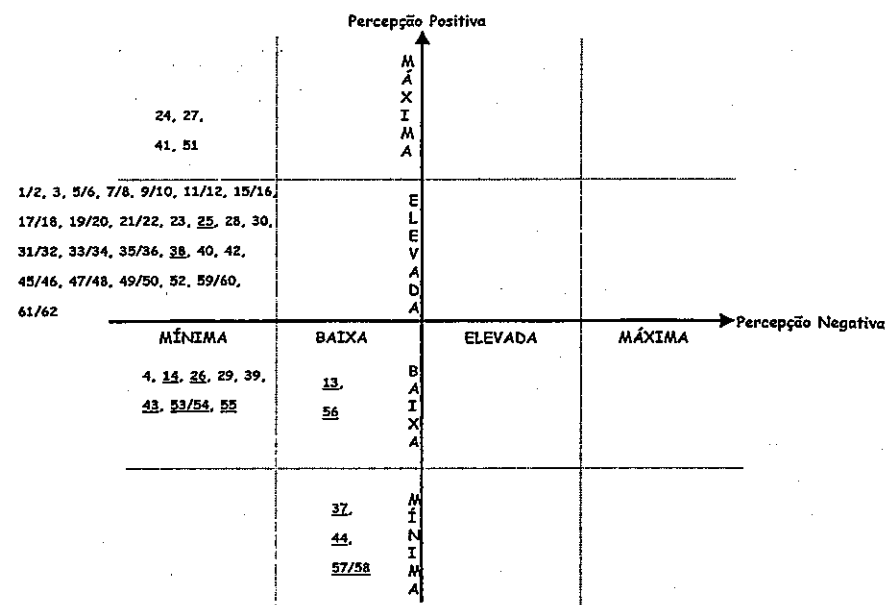


Figura 4. Categorização dos casais da amostra relativamente aos dezasseis padrões de percepção

Verificou-se, pois, que o nosso sistema de análise de Percepções Globais permitia distinguir claramente dois grupos de casais, os quais denominámos por *grupo sem risco* (grupo que apresentava maior proporção de percepções positivas relativamente às percepções negativas) e *grupo de risco* (grupo onde pelo menos um dos elementos apresentava maior ou igual proporção de percepções negativas relativamente às positivas).

Também a análise de *clusters* sobre todas as variáveis relativas às Percepções Globais (Percepção Positiva sobre a Relação, Percepção Negativa sobre a Relação, Percepção Positiva sobre o Parceiro, Percepção Negativa sobre o Parceiro, Percepção Positiva sobre o Si, Percepção Negativa sobre o Si, Percepção Positiva sobre o Parceiro e sobre a Relação, Percepção Negativa sobre o Parceiro e sobre a Relação, Percepção Positiva sobre o Parceiro, a Relação e o Si, e Percepção Negativa sobre o Parceiro, a Relação e o Si) permitiu discriminar dois *clusters*, sendo que o que se caracteriza por menor frequência de percepções positivas e por maior frequên-

cia de percepções negativas, inclui 11 dos 14 participantes pertencentes ao grupo de casais considerados de risco. As variáveis onde estes dois grupos menos se distinguiram são: Percepção Positiva sobre o Parceiro, Percepção Positiva sobre o Si, e Percepção Negativa sobre o Si.

Da análise correlacional entre estas variáveis ressalta, sobretudo, a importância das Percepções Positivas e Negativas sobre a Relação, e a importância das Percepções Negativas sobre o Parceiro.

Ao investigarmos o comportamento de cada um destes grupos – *grupo sem risco* e *grupo de risco* – relativamente a cada uma das restantes variáveis do nosso estudo, verificámos que: (ver quadro 1)

Consideramos, pois, por hipótese, que a proporção de percepções positivas relativamente às negativas constitui um forte indicador de satisfação conjugal, sendo esta definida como um processo de avaliação pessoal e subjectiva sobre o casamento (Thompson, 1988). As correlações moderadas com os resultados da EASAVIC reforçam esta nossa hipótese teórica.

Quadro 1.

Grupo sem risco vs grupo de risco

	Grupo sem Risco	Grupo de Risco
Quantidade de Comunicação	Predominantemente Moderada	Moderada ou Baixa
Comunicação*	Positiva	
Frequência de Conflitos	Baixa	Sem Predominância Positiva
Intensidade de Conflitos	Ligeira	Moderada ou Baixa
Conflitos*	Predominantemente Positiva	Ligeira ou Grave
Eficácia de Resolução	Resolvidos	Sem Predominância Positiva
Processo de Tomada de Decisões	Predominantemente Participativo/Consultivo sem Impositivo	Resolvidos ou Não Resolvidos Com Impositivo
Decisões*	Predominantemente Positiva	Predominantemente Positiva
Distribuição de Tarefas Domésticas*	Predominantemente Positiva	Sem Predominância Positiva
Distribuição de Tarefas Financeiras*	Predominantemente Positiva	Predominantemente Positiva
Distribuição das Tarefas Parentais*	Positiva	Predominantemente Positiva
Designação do Sentimento	Amor	Amor
Intensidade dos Sentimentos	Predominantemente Muito Forte	Muito Forte ou Forte ou Fraca
Evolução dos Sentimentos	Predominantemente Positiva	Positiva ou Sem Alteração ou Negativa
Queixas relativas aos Sentimentos	Raras (2% dos participantes)	Pouco frequentes (21% dos participantes)
Percepção sobre Sentimentos	Positiva	
Queixas relativas à Expressão dos Sentimentos	Pouco frequentes (23% participantes)	Predominantemente Positiva Muito frequentes (71% participantes)
Expressão de Sentimentos	Predominantemente Positiva	Sem Predominância Positiva
Qualidade da Empatia*	Predominantemente Positiva	Sem Predominância Positiva
Respeito pela Privacidade*	Predominantemente Positiva	Sem Predominância Positiva
Qualidade da Sexualidade*	Predominantemente Positiva	Sem Predominância Positiva
Frequência de Relações Sexuais*	Predominantemente Positiva	Sem Predominância Positiva
Identidade de Casal	Elevada	Predominantemente Moderada ou Fraca
Similitude	Predominantemente Elevada	Predominantemente Baixa
Ajustamento	Predominantemente Fácil	Predominantemente Moderado ou Difícil
Consideração de Alternativas	Predominantemente Não Consideração	Predominantemente Não Consideração
Ideias de Ruptura	Predominantemente Ausência ou Presentes mas Não Perturbadoras	Predominantemente Presença Não Perturbadora e Perturbadora
Expectativas	Positivas	Sem Predominância Positiva
Qualidade da Comunicação	Positiva	Sem Predominância Positiva
Equidade	Predominantemente Positiva	Sem Predominância Positiva
Auto-Revelação/Partilha	Positiva	Sem Predominância Positiva
Apoio Emocional	Positiva	Sem Predominância Positiva
Confiança	Predominantemente Positiva	Sem Predominância Positiva
Mutualidade	Positiva	Sem Predominância Positiva
Interdependência	Predominantemente Positiva	Sem Predominância Positiva
Intimidade	Predominantemente Positiva	Sem Predominância Positiva
Compromisso Pessoal	Predominantemente Forte	Sem Predominância de Forte

* Os itens assinalados com asterisco referem-se a percepções.

Reflexões finais

O estudo que realizámos e os resultados encontrados sugerem algumas pistas de continuidade ao nível da investigação não só pelo enriquecimento do conhecimento

sobre conjugalidade, mas também pelas implicações ao nível da intervenção preventiva e terapêutica com casais. Assim, salientamos:

- a importância de, em trabalhos de investigação, satisfação e qualidade conju-

gal não surgirem como conceitos emaranhados. Uma maior nitidez conceptual para além de conferir maior rigor ao nível da investigação, enfatiza a ideia de que os mapas do investigador ou do terapeuta não são necessariamente coincidentes com os mapas dos participantes investigados ou dos clientes. Tal facto sugere a necessidade, particularmente ao nível da intervenção, de se valorizar a singularidade, as narrativas particulares de cada casal, ao invés de uma posição de "leitura única e objectiva" da conjugalidade por parte do terapeuta;

- a necessidade de continuar a investigar a satisfação conjugal a partir de uma concepção não dualista, mas sim como um jogo dinâmico de pólos opostos. Tais investigações poderão contribuir para uma intervenção preventiva e terapêutica centrada mais nas competências dos casal do que nos problemas, mais na procura e aceitação da mudança do que no funcionamento estável, mais no processo de crescimento onde se cruzam satisfações e insatisfações do que na procura de um estado ideal e perfeito semelhante a um síndrome de utopia.

- a continuidade de estudos que investiguem as percepções sobre a relação e sobre o parceiro, como um forte indicador de satisfação, uma vez que: constituem um "discurso invisível" sobre a relação, e permitem discriminar forças e fragilidades, as quais podem constituir pontos nodais de acção na intervenção preventiva e terapêutica.

Bibliografia

- Acitelli, L. K., Rogers, S., & Knee, C.R. (1999). The role of identify in the link between relationship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16, 5, 591-618.
- Bateson, G. (1989). *Metadiálogos*. Lisboa: Gradiva.
- Bateson, G. (1989). *Metadiálogos*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. C., Biklen, S. K. (1992). *Quali-*

tative research for education. Boston: Allyn and Bacon.

- Bryman, A., & Burgess, R. (1995). *Analysing qualitative data*. London: Routledge.
- Buunk, B., van Eijnden, R. (1997). Perceived prevalence, perceived superiority, and relationship satisfaction: most relationships are good, but ours is the best. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23, 219-228.
- Buunk, B., & Bringle, R.G. (1987). Jealousy in love relationships. In D. Perlman, & S. Duck (Eds.), *Intimate relationships - Development, dynamics, and deterioration* (pp.123-148). Newbury Park: Sage Publication.
- Caillé, P. (1991). *Un et un font trois: Le couple révélé à lui-même*. Paris: ESF.
- Conveney, P., & Highfield, R. (1990). *A seta do tempo- à descoberta de um dos maiores enigmas da ciência*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Costa, M.E. (1994). *Intervenção psicológica em transições familiares: Divórcio, monoparentalidade e recasamento*. Porto: Edições Asa.
- Denzin, N.K., & Lincoln, Y.S. (Eds.) (1994). *Handbook of qualitative research* (pp. 1-22). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Erbert, L.A., & Duck, S.W. (1997). Re-thinking satisfaction in personal relationships. In R.J. Sternberg, & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 190-218). New York: The Guilford Press.
- Fincham, F.D., Beach, S.R.H., & Kemp-Fincham, S.I. (1997). Marital quality: A new theoretical perspective. In R.J. Sternberg, & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 275-306). New York: The Guilford Press.
- Fowers, B.J. (1998). Psychology and the good marriage. *American Behavioral Scientist*, 41, 516-541.
- Fowers, B.J., Lyons, E., & Montel, K. (1996). Positive marital illusions: Self-enhancement or relationship enhancement? *Journal of Family Psychology*, 10, 192-208.
- Fowers, B.J., Applegate, B., Olson, D., &

Pomerantz, B. (1994). Marital conventionalization as a measure of marital satisfaction: A confirmatory factor analysis. *Journal of Family Psychology*, 8, 98-103.

- Gleick, J. (1989). *Caos - a construção de uma nova ciência*. Lisboa: Gradiva.
- Glenn, N.D. (2001). Is the current concern about American marriage warranted? *Virginia Journal of Social Policy and the Law* (in press).
- Gottman, J.M. (1998). Psychology and the study of marital process. *Annual Reviews Psychology*, 49, 169-197.
- Gottman, J.M., & Silver, N. (1999). *Les couples heureux ont leurs secrets*. Paris: JCLattès.
- Harvey, J.H. (1987). Attributions in close relationships: Research and theoretical developments. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 5, 420-434.
- Heaton, T.B., & Albrecht, S.L. (1991). Stable unhappy marriages. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 747-758.
- Janesick, V. J. (1994). The dance of qualitative research design: Metaphor, methodolatry, and meaning. In N.K. Denzin, & Y.S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 209-219). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Markman, H. (1992). Marital and family psychology: Burning issues. *Journal of Family Psychology*, 5, 264-275.
- Matos, P.M., Barbosa, S., & Costa, M.E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial da la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 11, 93-109.
- Moon, S., Dillon, D., & Sprenkle, D. (1990). Family therapy and qualitative research. *Journal of Marital and Family Therapy*. October.
- Morin, E. (1994). *Ciência com consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Morse, J.M. (1994). Designing funded qualitative research. In N.K. Denzin, & Y.S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative*

research (pp. 220-235). Thousand Oaks: Sage Publications.

- Narciso, I., & Costa, M.E. (1996). Amores satisfeitos mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Prigogine, I. (1999). *O nascimento do tempo*. Lisboa: Edições 70.
- Prigogine, I., & Stengers, I. (1990). *Entre o tempo e a eternidade*. Lisboa: Gradiva.
- Richards, T.J., & Richards, L. (1994). Using Computers in Qualitative Research. In N.K. Denzin, & Y.S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 445-462). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Showers, C.J., & Kevlyn, S.B. (1999). Organization of knowledge about a relationship partner: Implications for liking and loving. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 958-971.
- Simpson, J.A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 971-980.
- Simpson, J.A., Gangestad, S. W., & Lerma, M. (1990). Perception of physical attractiveness: Mechanisms involved in the maintenance of romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1192-1201.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1994). Grounded theory methodology: An overview. In N.K. Denzin, & Y.S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 273-285). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Thompson, L. (1988). Women, men, and marital quality (comment). *Journal of Family Psychology*, 2, 95-100.

Abstract

Narciso, I. & Costa, M. E. Change courses in the marital quality: Pieces of a study on satisfaction and marital relationships. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17/18, 2001/2002, 181-195.

The present investigation, inserted in the field of Family Psychology, has as an ultimate

purpose the study of marital life – particularly, the marital satisfaction and quality. We have the follows two general aims: (1) to understand the complex and non-linear nature of marital satisfaction, and (2) to conceive and use a marital satisfaction and quality analyse system which respects the complex nature of marital satisfaction and quality. To reach our aims we have realized an extensive literature revision, and an empirical study based on a qualitative methodology – *grounded theory* with a comparative cases study – with a sample of thirty one satisfied couples (sixty two participants) organized in three different times of marriage (less than seven years of marriage; between seven and thirteen years of marriage; and more than thirteen years of marriage). As methods of collecting data we have used a semi-structured interview, and also three self-reported scales, one about attachment patterns, and two about marital satisfaction. We have tried to conceive a data analyse system which respects the complex nature of marital satisfaction and quality.

The study's fragment we describe reveals: (1) that the behavior, cognitive and affective processes are strongly intertwined, and that intimacy and personal commitment seems to be in a superior level of abstraction; (2) that our analyse system, particularly the study of the global perceptions about relationships and about the partner, made possible to discriminate two groups among the thirty one satisfied couples: a group which we named *group without risk* – with high levels of positive marital quality and marital satisfaction – and a second group which we named *group with risk* – characterized by a negative change in marital quality and satisfaction; (3) a marital quality pattern among the satisfied couples characterized by a positive quality of the behavior, cognitive and affective processes; (4) that the global perceptions about the relationship and about the partner seems to be a strong indicator of marital satisfaction.

Résumé

Narciso, I. & Costa, M. E. Parcours de modification dans la qualité conjugale: Fragments d'une étude sur conjugalité satisfaite. *CADERNOS de Consulta Psicológica*, 17/18, 2001/2002, 181-195.

Située dans le cadre théorique de la Psychologie Familiale, cette investigation a comme finalité l'étude des processus conjugaux, particulièrement l'étude de la satisfaction et de la qualité conjugale. On a différencié deux objectifs généraux: (1) comprendre la nature complexe et non linéaire de la satisfaction conjugale, et (2) conceptualiser et appliquer un système d'analyse de la satisfaction et de la qualité conjugale. On a effectué une extensive révision de la littérature sur le sujet, et un étude empirique avec une méthodologie qualitative – *grounded theory* avec un étude comparatif des cas. On a travaillé avec un ensemble de treinte et un couples qui s'estiment satisfaits (soixante deux participants), organisés en trois groupes en fonction de la durée du mariage (moins de sept ans; entre sept et treize ans; plus de treize ans). On a effectué une entrevue demi-structurée et on a appliqué trois questionnaires d'auto-évaluation, un sur attachement, et deux sur satisfactin conjugale. On a essayé la conception et application d'un système d'analyse en cohérence avec la nature complexe de la satisfaction et de la qualité conjugale.

Dans le fragment de l'étude qu'on présente ici, on peut vérifier: (1) que les processus comportementaux, cognitives et affectives sont fortement imbriqués, et que l'intimité et le compromis personnel se situent à un niveau d'abstraction supérieur; (2) que notre système d'analyse, particulièrement les études des perceptions globaux sur le partenaire et sur la relation, a rendu possible la différenciation de deux groupes dans l'ensemble des treinte et un couples satisfaits: un groupe qu'on a désigné par *groupe sans risque* – qui présentaient des claires indices positives de qualité et de satisfaction conjugale –, et un

autre groupe désigné par *groupe de risque* – qui on y pouvait caractériser par un processus de changement négatif de la qualité et de la satisfaction conjugale; (3) un *pattern* de qualité conjugale chez les couples satisfaits caractérisé

par une qualité positif des processus comportementaux, cognitives et affectives; (4) que les perceptions globaux sur la relation et sur le partenaire constituent, par hypothèse, un fort indice de satisfaction conjugale.